

Ecoescolas trazem natureza para o currículo

Preocupação ambiental leva estabelecimentos de ensino a se instalarem em áreas verdes

ROSA LUIZA BAPTISTELLA

A preocupação com a questão ambiental saiu do discurso das salas de aula e materializou-se em hortas, jardins, bosques e viveiros ao redor de algumas escolas de São Paulo. Nesses estabelecimentos, que valorizam cada vez mais o verde, o contato diário com a natureza faz parte do currículo. Semear a terra, observar o desenvolvimento das plantas e acompanhar a vida animal são atividades tão ou mais importantes quanto a iniciação em informática.

As ecoescolas são um contraponto à paisagem vertical dos centros urbanos. Dão preferência a construções horizontais ou prédios de no máximo três andares e deixam livres bons metros quadrados de verde, onde também abrigam pequenos mamíferos e aves.

Algumas ficam em plena cidade de São Paulo. Outras, mais distantes ou encravadas na serra, como a unidade da Pueri Domus de Aldeia da Serra, a 800 metros da Rodovia Castelo Branco, na entrada do município de Jandira. Educadores observam que, no ambiente natural, crianças são menos agressivas e estressadas. Desde cedo, compreendem a importância de respeitar o ambiente e tornam-se mais sensíveis.

Percepção — “O retorno à natureza é ideal para o homem perceber sua totalidade”, afirma Rui Cesar do Espírito Santo, que pesquisa processos educacionais diferenciados na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). “Nesse contato, a pessoa descobre que se destruir o ambiente estará se destruindo.” No livro *Pedagogia da Transgressão*, lançado no ano passado pela Papyrus e já na segunda edição, o professor mostra que educação não se confina a espaços escolares tradicionais. Em sua opinião, o verde deve ser valorizado pelos pais preocupados com a educação global. “A criança precisa brincar, encontrar a natureza, rolar no chão, fazer seus próprios brinquedos”, diz.

Espírito Santo rechaça a tendência atual, que dá ênfase aos contatos eletrônicos. “É melhor fugir daqueles estabelecimentos que têm o computador como proposta”, aconselha. “O princípio que leva à ecologia é o mesmo que leva ao autoconhecimento.”

Convivência — No dia-a-dia escolar, robótica pode conviver pacificamente com seis alqueires de verde puro, no pé da Serra da Cantareira, como acontece no Instituto Mairiporã Thomaz Cruz. Lá, os estudantes dividem o espaço com bandos de gansos, patos, marrecos, galinhas d'angola e ainda têm chão para laboratório de computação, biblioteca, marcenaria.

A escola fica na Rodovia Fernão

Dias, entrada de Mairiporã, a 35 quilômetros de São Paulo. Como as demais ecoescolas, adota o construtivismo como método de ensino. “Recorremos ao meio para pesquisas de biologia, botânica, geografia, geologia”, enumera a assessora de direção Angélica Morita. “O estudante parte do concreto para chegar ao conhecimento.”

As quadras esportivas também ficam ao ar livre. Angélica conta que muitas vezes estudantes novatos não sabem nem como se movimentar ao se defrontar com o espaço. “Aos poucos, vão se habituando, ficam menos inquietos, enfim, acostumam-se ao convívio com a natureza.”

Na Escola Passo a Passo de Vila Matilde, Zona Leste, crianças do pré à 1ª série do 1º grau desfrutam de 500 metros quadrados de verde. A cada dia, uma delas é responsável pela rega da horta, onde todos têm uma plantinha que leva seu nome. No começo do outono, é feita a sementeira dos canteiros. “A maioria dos alunos mora em apartamento”, explica a diretora Mirian Ignatti. “Mas, aqui, eles podem comer ameixas, pitangas, jabuticabas colhidas diretamente do pomar.”

Vacas, põnei, tartarugas, periquitos, patos, pavões em pleno pátio. A Escola Casinha Pequena, em Santo Amaro, Zona Sul, montou seu minizão num espaço de 6 mil metros quadrados de verde, muito próximo da Avenida João Dias. “Nas interação com a natureza, fica claro a relação de causa e efeito”, observa a orientadora pedagógica Maria Beatriz T. da Silva. “Essa é a base para a construção do processo de abstração.”

Crianças do maternal ao pré fazem círculos sentadas no chão ao ar livre, onde as aulas se desenvolvem quando as condições de tempo permitem. Nas aulas de música, a professora Sandra Sorbara mostra facilmente a diferença dos sons. “Eles percebem o grave e o agudo a partir da própria natureza”, explica. “É um elemento básico e até mágico para as crianças.”

Para o professor de educação física Caio Martins da Costa, trabalhar a educação num espaço onde o verde está presente é trabalhar o equilíbrio. “O conhecimento entra por outros canais”, comenta ele, coordenador de área do Colégio Friburgo, que além de 16 mil metros quadrados no complexo de Santo Amaro mantém estação ambiental na Serra do Japi, com mais de 300 mil metros quadrados.

Outra vantagem é o desenvolvimento da consciência de cidadania, diz Kátia Rodrigues Alves, diretora do Espaço Livre, em Aricanduva, Zona Leste. Nos trabalhos de horticultura feitos na escola, ela percebe também avanço na coordenação motora das crianças.

Em São Bernardo do Campo, o Centro Educacional Jean Piaget reservou 25 mil metros quadrados de área verde para desenvolver atividades pedagógicas. “O verdadeiro papel da escola é formar gente”, diz a assistente de direção Lilian Cavalero Siqueira. “Para isso, precisamos estimular a integração do alunos entre si e o ambiente.”



Aula ao ar livre na Escola Casinha Pequena, em Santo Amaro: minizão com vacas, põnei, tartarugas, patos, pavões e periquitos



Instituto Mairiporã Thomaz Cruz: seis alqueires de verde no pé da Serra da Cantareira, com espaço até para gansos e marrecos

Sérgio Castro/AE

Sérgio Castro/AE